

Geografia e Cultura: “Novas” Formas de Luta e (Re) Existência dos Trabalhadores/ Camponeses no Campo

Geography and Culture: “News” Forms of Fight and (Re) Existence of the Workers/ Peasants in the Field

GARCINDO, Letícia. UFG/Campus Catalão, garcindo22@hotmail.com; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. UFG/Campus Catalão – marceloufg@gmail.com.

Resumo

O processo de modernização da agricultura, iniciado na década de 1950, teve como objetivo o aumento da produção e da produtividade da terra e do trabalho, alterando as relações socioeconômicas no espaço agrário brasileiro. Mas, é na década de 1970, que o setor agrário brasileiro tem maior desenvolvimento, o Brasil viveu um surto de desenvolvimento agrícola, impulsionado pelo pacote tecnológico estadunidense chamado de Revolução Verde. A agricultura tradicional, com técnicas rudimentares, que predominava no campo, sofreu grandes transformações, devido à implementação de novas tecnologias, que alterou a relação capital/trabalho e, conseqüentemente, causou um forte êxodo rural, mudando a estrutura econômica e social tanto do campo como da cidade, transformações que são essenciais para a compreensão das configurações do espaço geográfico. Assim o objetivo da pesquisa é compreender as transformações espaciais no campo, as relações sociais de produção e de trabalho no Sudeste Goiano, a partir da reinvenção das práticas camponesas fortalecidas com o cultivo de sementes crioulas.

Palavras chave: Sementes crioulas, modernização da agricultura, relações sociais de produção e trabalho.

Abstract

The process of modernization of the agriculture, initiated in the decade of 1950, had as objective the increase of the production and the productivity of the land and the work, modifying the socioeconomic relations in the Brazilian agrarian space. But, it is in the decade of 1970, that the Brazilian agrarian sector has greater development, Brazil lived one attack occasion of agricultural development, stimulated for the United States technological package called Green Revolution. Traditional agriculture, with rudimentary techniques, that predominated in the field, suffered great transformations, due to implementation of new technologies, that modified the capital relation/work and, consequently, caused a strong drift from the land, changing the economic and social structure in such a way of the field as of the city, transformations that are essential for the understanding of the configurations of the geographic space. Like this the objective of the research is to understand the space transformations in the field, the social relations of production and work in the Goiano Southeast, from reinvention of the practical peasants fortified with the culture of Creole seeds.

Key words: Creole seeds, modernization of agriculture, social relations of production and work.

Introdução

A intensificação das novas tecnologias em todos os setores da sociedade provocou grandes mudanças no espaço econômico, social e ambiental em escala mundial. A modernização capitalista através dos mercados mundiais levou a aceleração e expansão internacional, e com isso, trouxe junto uma imensa desigualdade entre as sociedades. A globalização das informações, dos mercados e dos capitais assegurou a hegemonia dos grandes capitalistas e piorou, sensivelmente, a condição de vida de alguns homens e mulheres pelo mundo.

Resumos do VI CBA e II CLAA

O desenvolvimento do capitalismo, com o surgimento de empresas multinacionais fez surgir uma nova forma de organização da produção e das relações de trabalho. A reestruturação produtiva do capital transformou o processo de trabalho de forma ampla no Brasil, redefiniu as formas de trabalho tanto no campo como nas cidades.

No Brasil a nova divisão internacional do trabalho e a ampliação e desenvolvimento das redes de transportes se tornaram o marco do desenvolvimento econômico, trazendo para o país mais investimentos e, conseqüentemente, mudando a estrutura econômica e social, ocasionando o desemprego no campo e intensas migrações para as cidades. Dessa forma, a força de trabalho se modifica mediante as novas necessidades do processo produtivo, pois o que importa é aumentar a produção com a introdução de novas técnicas de produção e novas relações de trabalho, em sua maioria precarizadas, pois o mundo do trabalho que passa por transformações constantes exige cada vez mais trabalhadores qualificados, porém, a maioria, vivencia precárias condições de trabalho e de vida.

Essas transformações no campo brasileiro tiveram início na década de 1950, se intensificando com a expansão da industrialização, com o incentivo do Estado e com a instalação de pólos industriais que estimularam a produção nacional, a partir de investimentos externos, diversificando a economia e culminando na década de 1970 com o milagre econômico brasileiro. Foi nessa década que houve forte avanço das fronteiras agrícolas, com a conseqüente incorporação ao processo produtivo mundial de novos territórios, o que garantiu a territorialização do capital industrial e financeiro, principalmente nas áreas de Cerrado, no Centro-Oeste brasileiro.

Nas áreas de Cerrado, os grandes financiamentos e investimentos oriundos da modernização da agricultura propiciaram novas configurações geográficas e ocasionaram significativos impactos sociais e ambientais. Expulsaram os camponeses da terra, causando mudanças nas relações sociais de produção e de trabalho, assim como impactos ambientais devido ao uso e manejo inadequados do Bioma Cerrado e seus subsistemas através do desmatamento de áreas de preservação permanente, do assoreamento dos cursos d'água, da contaminação dos mananciais com o uso desenfreado de agrotóxicos, entre outros.

A modernização da agricultura pode ter transformado as relações sociais de produção e trabalho, como também as práticas culturais dos camponeses, mas não como um todo, pois ainda há os que resistem essa modernização; mesmo enfrentando dificuldades para se manterem no campo, conservam e reinventam as tradições e práticas socioculturais camponesas.

Metodologia

Mesmo diante da avassaladora ação do capital agroindustrial e financeiro nas áreas de Cerrado, a modernização da agricultura não conseguiu exterminar os saberes-fazeres dos camponeses, que ainda lutam para manterem vivas suas práticas sócio-culturais valores dos seus antepassados conservados com respeito através de gerações. Isso é demonstrado pela existência da agricultura camponesa que sobrevive há centenas de anos, praticando o trabalho familiar e assegurando a alimentação de milhões de pessoas. Um exemplo é o cultivo de sementes crioulas que propicia a diversidade de sementes e assegura a alimentação dos povos, sendo um meio para o sustento e para assegurar a soberania alimentar e cultural nas comunidades rurais camponesas.

Hoje, mesmo com as transformações ocorridas no campo e na vida camponesa, constata-se a permanência das práticas camponesas, agora fortalecidas com o cultivo de sementes crioulas. Para realização da pesquisa foi utilizado como procedimento metodológico, uma ampla revisão da bibliografia que abrange a temática além de entrevistas semi-estruturadas e questionários com

camponeses na área pesquisada.

Resultados e discussões

No Sudeste Goiano, o cultivo de sementes crioulas e as práticas camponesas são (re)inventadas nas comunidades rurais. Associada ao resgate da dimensão sócio-cultural do cultivo das sementes crioulas constrói-se ações políticas com o objetivo de permanecerem na terra. Compreendemos esse processo como (Re)Existência, pois associa a defesa da terra de trabalho às novas ações políticas (fechamento de rodovias, ocupação de prédios públicos etc), agora fortalecidas pelas práticas sócio-culturais. Dessa forma, a agricultura camponesa se caracteriza pela relação complexa entre propriedade, trabalho e família, e o cultivo de sementes crioulas, além de constituir o sustento e a soberania alimentar das comunidades, garante a (Re)Existência histórica e cultural dos camponeses.

Por isso, vale ressaltar a importância da prática da agricultura camponesa, que é mais do que um modo de viver e produzir no campo é uma cultura que tem uma relação com a natureza, respeitando os seus ciclos e a sociobiodiversidade. Os trabalhadores vivem em comunidade mantendo suas práticas sócio-culturais, como festas, mutirões, demão, religiosidade, o que mostra claramente como é mantida a diversidade cultural, uma marca forte da agricultura camponesa.

Conforme Gorgen (2004), o Brasil é grande e diverso, os camponeses são muitos e tem, na diversidade, uma de suas riquezas. Território, práticas sociais, ambiente e cultura formam uma estrutura importante que define bem o campesinato que faz e produz de tudo das mais diversas formas e nos mais diferentes locais.

Apesar dessas características e também da diversidade cultural e social, a agricultura camponesa luta pela sua afirmação, luta contra o seu desaparecimento, expressando uma luta permanente contra o capital. Essa é uma forma de (Re)Existência à exploração capitalista, que visa tão somente a expansão das técnicas e de lavouras de monoculturas, destruindo o meio ambiente e aumentando o seu lucro. A agricultura camponesa é uma forma de definir sua própria produção e consumo, além de garantir o direito de produzir que, em última instância, significa trabalho para a sobrevivência. Essa é uma forma de se readaptar ao novo processo de produção e trabalho em que os camponeses lutam contra as injustiças do capital, buscando a permanência na terra e/ou a luta pelo retorno a terra, redescobrendo atividades essenciais em seus modos de vida.

Segundo Carvalho (2003) a resistência social dos camponeses e povos indígenas à exclusão social exigirá um processo prolongado de resgate das suas identidades social e étnica através da redescoberta de seus saberes, habilidades e práticas de produzir, de se alimentar e de cuidar da saúde, experiências essas de vida que rejeitaram porque lhes disseram que eram saberes e fazeres ultrapassados. Nessa redescoberta, voltarão a conviver harmoniosamente com a natureza numa relação sujeito-sujeito e não através da percepção da natureza como recurso inesgotável, podendo ser usufruído apenas para gerar lucros. Por isso, o interesse de mostrar as formas de (Re)Existência dos camponeses no Sudeste Goiano como o cultivo de sementes crioulas que auxiliam os camponeses na sua sobrevivência, pois possibilita a produção do seu próprio alimento e ainda a comercialização do excedente da produção, sendo esta uma alternativa para a ampliação da renda. Além de alimento, a semente representa muito mais, pois retrata a cultura que é um elemento central no modo de vida do camponês, preservando e reinventando as práticas sócio-culturais, criando identidades sócio-ambientais. As sementes são um bem comum dos povos e não devem se tornar propriedade de poucos, ou seja, das multinacionais. O cultivo de sementes crioulas garante aos trabalhadores a possibilidade de armazenar, após a colheita, as sementes para o cultivo do próximo ano, além de garantir o seu

Resumos do VI CBA e II CLAA

sustento, sendo um meio de manter suas práticas sócio-culturais.

Em entrevista realizada no dia 27 de maio de 2006, na Fazenda Perobas, Distrito de Pires Belo, município de Catalão, local onde é realizado o terço de São Sebastião, uma prática sociocultural mantida há 56 anos por camponeses que vivem como agregados na terra. Para demonstrar a capacidade de mudança sem perder a dimensão da tradição, esses camponeses tiveram que alterar a data de realização do Terço, pois era realizado no dia 20 de janeiro (dia de São Sebastião), mas em função da área estar cercada por lavouras de soja e isso impedir o acesso dos veículos, pois a estrada que atravessa a lavoura de soja fica intrafegável durante o período chuvoso, o Terço e o jantar servido logo após a sua realização foi transferido para o mês de maio, após a colheita.

Podemos perceber, a (Re)Existência dos camponeses de se manterem na terra. Mesmo com tantas mudanças e tendo que se adaptar a modernização, os camponeses continuam (re) existindo. Os presentes, na maioria, camponeses desterritorializados, alegaram que com um pequeno pedaço de terra viveriam adequadamente, pois nasceram e foram criados na terra e sem ela não são nada. Conforme Carvalho (2003), territórios que se diferenciaram por uma convivência harmoniosa com a natureza, vivenciada por várias gerações, foram e continuam sendo negados e desconstruídos pelos grandes grupos econômicos, tanto nacionais como multinacionais. Saberes e valores, como as formas de viver e de se relacionar com a natureza, são negados, devido aos incentivos estatais associados aos interesses das grandes multinacionais.

Dessa forma, é fundamental buscar compreender os modos de vida e produção camponesa, pois temos muito que aprender com eles. Shanin em um artigo no livro *Campesinato e territórios em disputa*, organizados por Paulino; Fabrini; diz que precisamos estudar os camponeses não para ajudá-los, mas para nos ajudar. Não temos que ensinar aos camponeses como viver, nós é que temos que aprender com eles como viver e como resolver os problemas nos quais a maior parte da população está envolvida.

Conclusões

A agricultura camponesa vive em um processo constante de afirmação e (re)afirmação, porém sua existência é sua (Re)Existência de luta pela permanência e de acesso à terra. A agricultura camponesa não é atrasada tecnicamente, ela se adapta às transformações no campo, além de respeitar o meio ambiente, preservando os recursos naturais e as formas de trabalho que para eles tem um valor sócio-econômico e histórico primordial. Produzem alimentos saudáveis e tem qualidade de vida, o que é possível ser praticada apenas por Comunidades Camponesas.

Mesmo apesar das dificuldades e do abandono por parte das políticas públicas, a agricultura camponesa vem lutando e conquistando seu espaço e mantendo sua cultura, (re) existindo às transformações que ocorrem no campo, uma luta forte e constante, logo, a agricultura camponesa é a grande responsável pela produção de alimentos para o mercado interno e se caracteriza sobre a relação entre propriedade, trabalho e família.

Referências

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CARVALHO, H.M. *Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003, 352 p.

GÖRGEM, S.A. *Os novos desafios da agricultura camponesa*. [S.l.]: [s.n.], 2004, 84 p.

Resumos do VI CBA e II CLAA

MENDONÇA, M.R. *A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano*. 2004. 458 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2004.

PAULINO, E.T; FABRINI, J.E. *Campesinato e territórios em disputa*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.